

A escrita como tecitura na pratica docente

No trabalho docente, envolvendo a experiência de professoras e doutorandas em prática de ensino, construiu-se a possibilidade junto aos discentes de fazer uso da escrita como potente ferramenta de formação. A confecção/elaboração de diários de campo, memoriais e portfólios, tem ultrapassado a função de registro, transformando-se em instrumento reflexivo sobre os processos de escolha profissional, as práticas de estágios e as implicações com o aprendizado curricular, produzindo um exercício sobre o vivido no transcorrer de semestres que vislumbra o porvir de uma inserção profissional. A riqueza da multiplicidade presente nas escritas e a possibilidade dos registros serem compartilhados coletivamente entre os pares, com questões/experiências muitas vezes semelhantes e comuns, reaviva a implicação do escrevente/escritor com a sua produção que enuncia o processo de formação. O que poderia ser apenas uma atividade para uma disciplina, envolve docentes e discentes na medida em que convoca a todos como parceiros/cúmplices de uma produção que quando enunciada diz de um coletivo. Propomos discutir o uso de memorial como forma de constituir um dispositivo de formação.



*Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Psicologia Social e Institucional
**Professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia
***Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação

Carla Garcia Bottega*
Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto**
Paula Marques da Silva***

Destacamos, neste relato, a experiência com a utilização de memoriais nas etapas iniciais da graduação, quando o estudante está confrontando suas expectativas com a experiência da vida universitária e o curso de graduação escolhido. De que se trata um memorial nesta proposta? Constitui a tarefa de escrever a história do que levou o estudante a escolher este curso e de como esta acontecendo a experiência inicial no percurso. Neste sentido é comum a pergunta “desde quando” escrever, evidenciando a noção de tempo na construção do sentido de revisitar memórias. Escolhemos como pista orientadora que o escrever seja guiado mais pelo significado da experiência vivida, do que pela descrição de uma cronologia dos fatos, sendo incentivado a escolha do estilo da escrita pelo estudante, podendo acessar marcas desta história que podem compor o memorial, como imagens, poesias, músicas, acontecimentos. Seguimos o pensamento de Zanella (2012, p. 89), que nos coloca “Tal afirmação se assenta na compreensão de que escrever não significa simplesmente transpor para a tela do computador um pensamento prévio: ao escrever os pensamentos se (trans)formam e, nesse movimento, transforma-se o próprio escritor, seus pensamentos, suas emoções e sua condição axiológica”.

Referências
HESS, Remi; WEIGAND, Gabriele. A Escrita Implicada. Revista Reflexões e Debates, São Paulo, n. 11, p. 14-25, abr. 2006.
ZANELLA, Andrea V. Escrever. In: Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.